

## *Bom-Crioulo de Adolfo Caminha: particularidades de uma representação naturalista do homoerotismo e de sua recepção literária / Adolfo Caminha's Bom-Crioulo: particularities of a naturalist representation of homoerotism and its literary reception*

*Cyro Roberto de Melo Nascimento\**

Graduação em Letras pela UFRN, mestrado e doutorado pela mesma instituição, PPGEL-UFRN, Natal-RN, Brasil. Doutor em Estudos da Linguagem, área Literatura Comparada. Pesquisador de Literatura homoerótica brasileira. Técnico Judiciário da Justiça Federal lotado em Natal-RN, empossado em janeiro de 2005.

 <https://orcid.org/0000-0002-7020-1225>

**Recebido** em: 21 dez. 2023. **Aprovado** em: 25 dez. 2023.

### **Como citar este artigo:**

NASCIMENTO, Cyro Roberto de Melo. Bom-Crioulo de Adolfo Caminha: particularidades de uma representação naturalista do homoerotismo e de sua recepção literária. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 12, n. 3, p. 244-458, dez. 2023. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10439472>

### RESUMO

Este texto analisa a recepção ao romance naturalista Bom-crioulo do escritor cearense Adolfo Caminha e as diversas leituras que a obra tem ensejado desde sua publicação, há mais de cem anos. Buscamos compreender como a representação que a narrativa faz do homoerotismo foi determinante para despertar o interesse do público, ao mesmo tempo que causou a repulsa de parte da crítica, tanto contemporânea quanto posterior. Publicada em 1895, a narrativa se passa na Monarquia e relata o romance entre dois marinheiros, um escravizado fugido e um jovem adolescente branco. Numa representação dos valores naturalistas que interpretamos como ambígua, a narrativa alterna momentos de repulsa à relação, lastreados pelo discurso científico da época, com representações tidas por vários críticos como empáticas em relação ao protagonista. Neste artigo, concluímos que essa ambiguidade foi responsável tanto pelo interesse do público da época como pela perseguição e repúdio à obra que se prolongou por décadas.

**PALABRAS-CHAVE:** *Bom-crioulo*; Naturalismo; Homoerotismo.

---

\*

 [depaulabrito@gmail.com](mailto:depaulabrito@gmail.com)

#### ABSTRACT

*This text analyses the reception to the naturalist novel Bom-crioulo from Adolfo Caminha and the several possibilities of reading that it has permitted through more than one hundred years, aiming to understand how its representation of homoeroticism was determinative to rise the interest of public as well the repulse from most part of critical, contemporary and also posterior. Published in 1895, the narrative runs in Monarchy times and relates the love relationship between two sailors, a runaway slave and a young white boy. In a representation of naturalist values which we see as ambiguous, the narrative alternates moments of repulse against the relationship, based in that time scientific beliefs, and moments seen for several criticals as empathics to the leader character. In this article, we conclude that this ambiguity was responsible for the interest of readers at releasing as well for persecution and rejection to the novel that lasted decades.*

**KEY-WORDS:** *Bom-crioulo*; Naturalism; Homoeroticism.

## 1 Introdução

No presente artigo analisamos a recepção ao romance naturalista *Bom-crioulo* de Adolfo Caminha e as diversas leituras que a obra tem ensejado ao longo de mais de cem anos, buscando compreender como a representação do homoerotismo na obra foi determinante para despertar o interesse do público, ao mesmo tempo em que causou a repulsa de boa parte da crítica, tanto contemporânea quanto posterior.

Publicada em 1895, a obra alcançou imediata repercussão, tendo obtido grande sucesso de vendas enquanto era veementemente atacada por proeminentes críticos literários. Os ataques se desenvolveram de tal forma que alcançaram mesmo os aspectos privados da vida do autor, que seria *acusado* de ter praticado os atos que descrevera. Após tal repercussão, o livro permanece sem segunda edição até fins da década de 1930. Ao mesmo tempo, sabemos que o tema do homoerotismo não esteve ausente de outras obras da época, de igual ou maior sucesso. São exemplos *O ateneu* de Raul Pompéia e *O cortiço* de Aluísio Azevedo que, diferentemente da obra de Caminha, não implicaram em ataques pessoais a seus autores (no caso de Pompéia os ataques seriam posteriores e de motivação inicialmente política), nem em um esquecimento literário, tendo ambas se tornado representantes canônicas do que se chamou de literatura Realista e Naturalista brasileira.

Nossa proposta, então, é entender porque a representação do homoerotismo desenvolvida por Caminha em *Bom-crioulo*, ao tempo em que despertou o interesse do público, foi rejeitada pela crítica por implicar num fazer literário distante de seu horizonte de expectativas.

Necessitamos, num primeiro momento, situar historicamente a produção literária de Adolfo Caminha, o que fazemos a seguir<sup>1</sup>.

## 2 Um contexto histórico para *Bom-Crioulo*

O último terço do século XIX foi marcado pela influência do progresso científico sobre o pensamento artístico e filosófico. O Evolucionismo de Charles Darwin é um exemplo de como as ciências naturais tiveram seus métodos *adaptados* para as ciências humanas. Já a Antropologia Social, por ser mais próxima da Biologia, alcançou grande repercussão, com seus estudos de caso em que sujeitos são tipificados de acordo com seu físico, sexo atribuído e raça, presos a um determinismo que não só os condenava, como via na superação dos tipos tidos como inferiores a chave para a *ordem e progresso* a serem alcançados inexoravelmente no futuro (NASCIMENTO,2019).

Esse *cientificismo* garantiria, acreditavam os autores, a descrição biológica da reação das personagens, simplificadas a tipos pré-moldados pelas máximas evolucionistas, assegurada assim uma neutralidade na representação, numa clara oposição à subjetividade e ao idealismo românticos, então inadequados para uma Europa que percebia, cada dia mais, as mazelas decorrentes da sociedade industrial. O idealismo fantasioso dá lugar a um objetivismo realista que, segundo o crítico Alfredo Bosi, “se tingirá de *Naturalismo*, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das ‘leis naturais’ que a ciência da época julgava ter codificado” (BOSI, 2006, p. 168). Assim, o Naturalismo na literatura pode ser visto como um desdobramento do Realismo, adquirindo uma faceta moralista e fatalista calcada na verdade irrecusável do progresso científico.

O grande representante dessa literatura seria o francês Emile Zola.

Para Zola [...] o homem é um ser cujas qualidades são condicionadas pelas leis da hereditariedade e pelo meio ambiente, e, em seu entusiasmo pelas ciências naturais, chega a definir o naturalismo no romance como sendo simplesmente a aplicação do método experimental à literatura. (HAUSER, 1995, p. 813).

---

<sup>1</sup> As reflexões desenvolvidas neste artigo partem de dados analisados em tese de doutorado desenvolvida pelo autor, defendida no ano de 2019 e devidamente mencionada nas Referências ao final do texto.

A influência do autor é clara, por exemplo, em Aluísio Azevedo. Sua obra *L'Assommoir*, que descreve a vida num subúrbio proletário, reverbera em *O cortiço*, em que o escritor maranhense compara os *tipos* descritos no espaço social a vermes e insetos, num meio animalizado e fatal para eles.

Esse caldeirão cultural, que permitia uma escrita tão peculiar, era completado, na especificidade brasileira, pelos crescentes movimentos abolicionistas e republicanos, pautas progressistas que marcam o debate político numa formulação de uma nova identidade nacional que deveria superar aquela criada pelo império fundamentalmente calcada no escravismo. Aflora um ideal de nação que se contrapunha à monarquia, tachada de degenerada em romances como *O cortiço* ou *O ateneu*. A pauta progressista, ao se opor ao regime vigente, se apropriou das ideias científicas da época para vaticinar uma nova nação, que surgiria da marcha evolucionista da história (MISKOLCI, 2012; NASCIMENTO, 2019).

Contudo, a suposta objetividade científica não se furtou de idealizar a nação, civilizada, a partir de uma unidade branca, heterossexual e masculina, nos moldes impostos pelo eurocentrismo desde então vigente. Ora, se a Europa exportava seu pensamento e arte, e se ela se empenhava em impor um modelo, nada mais natural que elegeesse a sua imagem como o ideal de civilização e futuro. Aos intelectuais de um país pobre e mestiço, restava idealizar-nos como futuros europeus, ideia que estimulou a política migratória que visava o branqueamento da população e permitiu mesmo ao esdrúxulo personagem Milkau, em *Canaã* de Graça Aranha, vaticinar que

a época dos mulatos passará para voltar a idade dos novos brancos, vindos da recente invasão, aceitando como reconhecimento o patrimônio dos seus predecessores mestiços, que terão edificado alguma coisa, porque nada passa inutilmente na terra (SCHWARCZ, 1992, p. 164).

Assim, os mestiços eram vistos como uma etapa necessária de nossa evolução enquanto nação, desde que fossem superados pelos migrantes brancos, que poderiam se aproveitar dessa herança porque nem mesmo ela seria inútil quando fôssemos, enfim, todos brancos... Ainda mais malfadada foi a pena de Afrânio Peixoto, que em *A esfinge*, de 1911, interrompe a narrativa para dar voz a uma personagem que chega a afirmar que em 300 anos seríamos todos brancos, uma

vez que a servilidade e sensualidade do negro serviriam para criar uma raça de passagem a ser reintegrada pela raça branca!

Aliada à equivocada ideia de embranquecimento da nação como modelo civilizatório, a heterossexualidade figurava como outro valor a ser perseguido, à guisa de se formarem micro-nações nos lares, que deveriam ter sempre a produção de novos cidadãos como fim. No *domus*, caberia à mulher o cuidado dos filhos, em que ela mesma servir-lhes-ia de exemplo, devendo ser seu corpo e desejo controlados em nome de uma moralidade da nação. Assim, instala-se o que Miskolci (2012) nomeia de uma *biopolítica*, ou seja, uma extensão do poder estatal aos corpos e intimidades domésticas de seus cidadãos como uma garantia de que se produzirão novos sujeitos aptos a viver nessa futura sociedade civilizada. Esse controle da mulher se daria por meio de um discurso médico-científico que se desenvolvia largamente e tratava de tipificar o comportamento feminino como histérico e, portanto, passível de controle.

Quanto aos homens, a alternativa seria reforçar a capacidade reprodutiva de sua heterossexualidade, num repúdio a quaisquer práticas *estéreis* como, por exemplo, a masturbação, o celibato e o sexo entre iguais. Eis aí um dos motivos que justificaria a reiteração do tema da homossexualidade nas obras naturalistas, em contraste com o absoluto silêncio do *subjetivo* e *fantasioso* Romantismo sobre o tema. Aliás, é neste momento que a homossexualidade surgirá em nossa literatura como tema recorrente, no que pode ser interpretado como um esforço para fixar a *normalidade* heterossexual a partir do que passou a ser entendido como seu oposto. Assim, nasce em nosso país a representação literária do tema, no esteio de uma política pública de controle também do corpo do homem, em que o exterior (o amor que sequer ousava dizer seu nome) se revelava constituinte do interior (o sexo reprodutivo e monogâmico), numa associação que não poderia ser dispensada para que se construíssem os significados sociais necessários (NASCIMENTO, 2019).

Válido ressaltar que o tema também se tornará mais presente na literatura europeia no período. O clássico ensaio de Sedgwick, *Between men: english literature and male homosocial desire*, embora reconheça uma homossociabilidade anterior (e a autora apresenta o conceito como uma sociabilidade entre homens motivada por uma mulher que lhes serviria de intermediária do desejo), afirma que é no período vitoriano tardio, últimas décadas do século XIX, que o tema se torna mais evidente e reiterado na literatura inglesa. É nesse peculiar contexto cultural e político que Caminha verá sua principal obra mobilizar a curiosidade do público e a ira dos críticos.

### 3 Adolfo Caminha e a narrativa de *Bom-Crioulo*

Nascido em Aracati-CE em 1867, o escritor migra no início da adolescência para o Rio de Janeiro, onde cursa a escola naval. Como guarda da Marinha viaja aos Estados Unidos em 1886, viagem que inspira o livro de crônicas *No país dos lanques* de 1894. Transfere-se para Fortaleza onde participa de um ciclo literário denominado Padaria Espiritual, que se ocupava em divulgar a literatura realista-naturalista. Envolve-se com a esposa de um oficial da Marinha, deixa o órgão e, com a companheira, muda-se para o Rio de Janeiro, onde trabalha como funcionário público e escritor, colaborando com os principais periódicos da época. Franco ao escrever seus artigos, ganha a repulsa de outros escritores, que chegam a tachá-lo de rancoroso e birrento. Tal antipatia não lhe seria útil quando dos ataques que seu principal livro receberia. Publica a coletânea de versos *Voos incertos* (1886), os contos *Judith* e *Lágrimas de um crente* (1887). Seu primeiro romance *A normalista* data de 1893, dois anos após, lança sua obra de maior repercussão *Bom-crioulo* e uma coletânea de críticas *Cartas Literárias*. Em 1896, lança seu último romance *Tentação*. Falece em 1897, vítima de tuberculose.

*Bom-crioulo* narra a história de um escravizado fugido, Amaro, que se engaja à Marinha da Monarquia e nela adquire o epíteto por conta de seu bom comportamento. A narrativa inicia quando o marinheiro já estava há anos na força armada e está prestes a receber um castigo corporal por ter agredido outro marinheiro. O motivo da agressão: o colega falara mal de Aleixo, jovem de 15 anos, olhos azuis, originário de Santa Catarina, bem quisto por todos e ocupante do mais baixo cargo da hierarquia da Marinha, o grumete. Após a punição, Amaro realiza seu intento de aproximar-se do rapaz, a quem via como de traços delicados e femininos, iniciando-se uma amizade entre os dois que culminaria em uma relação sexual consumada a bordo.

Voltando ao Rio de Janeiro, os dois vão morar num quarto alugado na Rua da Misericórdia, propriedade de Dona Carolina, lavadeira portuguesa e ex-prostituta amiga de Amaro. Ali o casal vive em harmonia até que ele é transferido para outro barco, em que há pouco tempo para voltar à cidade. Nesse ínterim, a dona da pensão e o grumete, que se revelava descontente com a condição sexual implicada em conviver com Amaro, se envolvem. Ela que, como o negro, desejava inicialmente Aleixo por seu corpo delicado, passa a ver uma transformação dele para uma masculinidade que a satisfaria. Desesperado por ter sido esquecido pelo companheiro, Amaro

foge do barco e, alterado por não encontrar o amado, embebeda-se e envolve-se numa briga, que o levaria a uma nova punição física, impingida pelo comandante de seu navio. Tamanha foi a punição que o negro precisa ser internado num hospital, local do qual foge após saber que Aleixo teria uma namorada. Ao chegar à Rua da Misericórdia, lugar em que antes vivera feliz ao lado de seu amado, um comerciante lhe diz que a namorada de Aleixo seria Dona Carolina. Neste momento, o grumete aparece, sendo atacado por um Bom-crioulo descontrolado, que o esfaqueia à garganta. A narrativa finda com a prisão de Amaro, enquanto o corpo de Aleixo jaz em meio à multidão.

#### 4 A recepção de crítica e público à obra

Como podemos ver, trata-se de uma narrativa polêmica, especialmente quando consideramos a época de seu lançamento. As reações que se seguiram foram as mais díspares, em que se desperta a curiosidade do público leitor simultaneamente à ira da crítica. O próprio Caminha reconhece que o livro lhe dera mais lucro que tudo que ele havia publicado até então, mas esse retorno veio acompanhado de uma série de ataques que tentavam associar sua vida pessoal à narrativa. Nosso interesse principal é entender os motivos de tal reação, especialmente quando se sabia do escândalo amoroso em que o autor se envolvera, ao *raptar*<sup>2</sup> a mulher de um oficial da marinha em Fortaleza. Quando se sabia também que outras obras já haviam abordado o tema sem, contudo, terem despertado a mesma fúria de seus críticos, como os exemplos dos já citados *O cortiço* e *O ateneu*.

As críticas sofridas por *Bom-crioulo* por tornar literário um tema tido como abjeto não só limitaram ao tempo de sua publicação: a crítica Lúcia Miguel Pereira, em 1960, não só repudia o tema como considera desnecessários os *pormenores*, de mau gosto espantoso (BEZERRA, 2006, p. 94). Curiosamente, a autora não se furta de reconhecer o talento de Caminha. Igual reconhecimento viria de Alfredo Bosi, em seu consagrado manual *História concisa da literatura brasileira*. O crítico reserva pouco menos de uma página a Caminha, mas, de forma primorosa, nos diz se tratar de um romance denso que resiste às leituras críticas que descartam os aspectos

---

<sup>2</sup> O crime de rapto consensual esteve presente no nosso Código penal até poucos anos atrás, tendo sido revogado apenas em 2005. A nova redação do Código considera crime o sequestro e o cárcere privado de qualquer sujeito, uma vez que contrário à sua vontade.



do Naturalismo e constrói uma personagem coerente movida, pelo sadomasoquismo, à perversão e ao crime. Ora, se esses temas eram recorrentes ao movimento literário em questão, por que teria Bosi deixado de mencionar a especificidade da obra? Mencionar que além das qualidades da pena de Caminha, tínhamos outro motivo para justificar sua repercussão: a centralidade do tema da homossexualidade, atribuída a um negro ex-escravizado que dominava o corpo de um rapazote branco recém púbere? De fato, tratava-se da conjunção de vários temas ex-cêntricos, ou seja, fora da centralidade do que era literário à época. Tão ex-cêntricos que sua estranheza se perpetuou por décadas, até na voz daqueles que reconhecem a primazia a que chega sua representação literária (NASCIMENTO, 2019).

Mesmo a segunda edição do volume, que só se deu mais de quarenta anos depois, sofreu perseguição, sendo apreendida pela polícia da Ditadura Vargas como propaganda comunista. A repulsa ao tema segue, provando que não era apenas o próprio amor que não ousava dizer seu nome, mas mesmo seus algozes que, por mais autoritários que fossem, preferiam apelar para a pecha do comunismo a ter que nomear aquilo que perseguiram e odiavam.

Tal *discrissão* não coube a dois críticos contemporâneos a Caminha. Valentim Magalhães, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, defendeu que a obra extrapolava o que se imaginasse “de mais grosseiramente imundo” (HOWES, 2005, p. 173) e que o livro era “ascoroso porque explora (...) um ramo da pornografia ate hoje inédito por inabordável, por *ante-natural*, por ignóbil” (HOWES, 2005, p. 174) e que o autor seria “um inconsciente, por obcecação literária ou perversão moral” por achar que “a história de um marinheiro negro e boçal poderia ser literariamente interessante” (HOWES, 2005, p. 174). Assim, o tema sequer deveria ser tido como representável literariamente. Já a crítica apócrifa publicada no Jornal do Comércio, que Caminha atribui ser de José Veríssimo, então chefe do Ginásio Nacional, afirmava que o romance tinha um tema “baixamente repugnante” e discutia “psicologia improvável de nauseantes crimes contra a natureza”, discussão essa que geraria no leitor uma “curiosidade impura e mórbida” (HOWES, 2005, p. 174). Segundo Cavalcanti Proença, conforme citado por Leonardo Mendes (2003), também Sílvio Romero e representantes da Marinha, da qual Caminha tinha feito parte, teriam recebido negativamente o romance. Mesmo o colega da *Padaria Espiritual*, Antônio Sales, rechaçaria a obra como escabrosa e pouco feliz.

Vale ressaltar, contudo, que nem todas as críticas foram negativas, houve importantes jornais que pouco ou nada disseram a seu respeito e no jornal *Cidade do Rio*, uma crítica amena



afirma que o livro não desagrade o leitor. Também não houve embargo à edição, que pôde ser impressa e circular normalmente. Contudo, a voracidade das críticas de Veríssimo e Magalhães, extremas ao ponto de associar a narrativa à vida pessoal do autor mesmo sendo público o escândalo amoroso em que se envolvera, ensejou uma dura defesa da parte deste.

Caminha redige Um livro condenado, uma carta resposta em que afirma ser um *escritor-cientista*, tendo apenas aplicado os preceitos científicos vigentes, ao estilo de autores como Eça de Queiroz e Emile Zola. Justifica também que chegou até o tema após ter viajado aos Estados Unidos em missão pela Marinha e, no navio, ter presenciado comportamentos como os que representou literariamente. No campo artístico, Caminha se defendeu citando as narrativas de Zola sobre incesto e adultérios, as quais não o teriam tornado um incestuoso ou adúltero, assim como ele também não seria homossexual por representar tal tema. No campo científico, cita obras que leu, entre elas uma em que trazia desenhos das *desordens* produzidas pela pederastia e pela sodomia. A própria influência da ciência da época fica evidente quando o autor utiliza a palavra *homossexualismo*, numa referência pioneira ao termo cunhado pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert, em 1869, para padronizar comportamentos sexuais dentro de um campo de identidade até então não organizado como tal (NASCIMENTO, 2019).

A carta ainda menciona algo ignorado por seus críticos: sua obra não era pioneira na representação literária do homoerotismo. Em 1881, um autor chamado Ferreira Leal publicara o pouco conhecido romance *Um homem gasto*, em que um aristocrata de Petrópolis vê sua vida arruinada por seu desejo por outros homens. Muito provavelmente, Caminha também leu *O Barão de Lavos* do português Abel Botelho, que enviara cópia de seu romance pouco conhecido para o grupo do qual o autor fizera parte em Fortaleza, a Padaria Espiritual.

Um fato a ser considerado sobre o homoerotismo em obras naturalistas é a falta de um interesse sistemático pelo tema. De fato, nenhum de seus grandes autores encarou-o com centralidade, embora tenham feito menção a ele, como Zola brevemente em *Nana* (1880). Por sua vez, Aluísio Azevedo, em *O cortiço* (1890), apresenta as personagens Leonie e Pombinha, porém sem a explicitação e centralidade de *Bom-crioulo*. Já *O Ateneu* de Raul Pompéia merece ressalva por ter no ambiente do internato masculino seu foco central e estar presente a referência aos intercâmbios sexuais praticados pelos estudantes. Resumidamente, podemos relatar que há na obra uma clara repulsa às práticas, além de não haver nenhuma descrição explícita de um ato sexual, como se dá entre Amaro e Aleixo (NASCIMENTO, 2019). Embora o tema mereça mais

atenção, podemos cogitar brevemente que o livro tenha causado menos impacto por se enquadrar melhor no que Sedgwick denominaria de homosociabilidade, sendo, nessa obra, ausente o elemento feminino como mediador da relação masculina, servindo o próprio ambiente escolar como meio para essa socialização. Também podemos dizer que as referências à sexualidade de Pompéia se tornam mais visíveis posteriormente à publicação do romance e, em grande parte, por conta das inimizades decorrentes de seus embates políticos em defesa de Floriano Peixoto e da República governada pelos marechais.

É curioso notar como uma escola literária tão voltada para retratar situações e comportamentos extremos possa ter relegado à sua periferia um tema tão controverso e que seria, sem dúvida, um ótimo pretexto para a aplicação das teorias deterministas então vigentes. Se prostitutas, bandidos, negros, mestiços e migrantes pobres vão povoar as páginas dos romances da época de forma bestializada e cruel, é de se pensar se os autores consideravam o tema do homoerotismo ou, como preferissem, a pederastia, a sodomia, a inversão como um tema ainda mais abjeto que os outros a ponto de não poder sequer ser representado de forma explícita e central (NASCIMENTO, 2019). Assim, mesmo numa literatura que focava em seres marginais, mais uma vez o homoerotismo e seus sujeitos são relegados ao quase silêncio periférico, servindo de ilustração pontual para teses científicas que seriam *melhor* desenvolvidas em outros ex-cêntricos, estes, porém, menos distantes dos limites da literariedade.

Talvez Caminha tenha pecado diante de seus algozes por trazer ao centro não apenas o homoerotismo, mas, junto com ele, um protagonista negro e ex-escravizado e, o que poderia soar pior: dominador de um jovem homem branco. Ora, num momento de rearranjo da identidade nacional, em que um discurso pseudo-científico relegava aos negros um papel subalterno e passageiro em nossa história, imaginar que o elemento *redentor* da nação, o jovem branco descendente de migrantes, pudesse ser subjugado pelos instintos de um ser racialmente inferior soava como contrariar a ordem de pensamento dominante (NASCIMENTO, 2019). E havia ainda mais abjeção na figura de Aleixo: ele não se envolvia apenas com o sexo estéril em Amaro. Sua alternativa de libertação viria com uma mulher mais velha, ex-prostituta e migrante portuguesa. Havia à época, motivada pelo sentimento republicano, um anti-lusitanismo que criaria ainda mais repulsa à figura de Dona Carolina, além de ser tida como estéril por ser mais velha e ex-prostituta, que eram assim consideradas pelas teorias do século XIX. Se o seu corpo podia migrar do campo do *invertido*, *afeminado* para a masculinidade que agradaria sua amante, o uso sexual desse corpo

seguiria num campo incapaz de produzir os novos cidadãos da República, os homens brancos e heterossexuais que embranqueceriam e civilizariam nosso povo dentro de algumas gerações.

Assim, o trágico fim de Aleixo pode ser lido como uma punição por ter transitado em pólos nocivos ao ideal de nação de então. E Caminha poderia usar essa alegoria em defesa de sua obra, como reprodutora dos valores morais e científicos vigentes. É isso que o autor afirma de forma muito dura em sua carta ao tipificar Amaro: “é um degenerado nato, um irresponsável pelas baixezas que comete até assassinar o amigo, vítima de seus instintos” (CAMINHA *apud* MENDES, 2003, p. 32). Nesse momento, ele nos apresenta um Amaro bestializado pelo instinto e que estaria muito próximo do cientificismo reproduzido pela literatura naturalista.

Talvez Caminha tenha sido vítima de sua própria armadilha ao tentar equilibrar a relação entre ciência e arte em sua escrita. Ao contrário de outros autores contemporâneos, ele suprime as menções explícitas ao ideário cientificista para criar um texto literariamente fluido e que em muitos momentos se aproxima do fazer artístico no que tem de melhor. Dá-se de fato uma ambiguidade na representação dos desejos de Amaro no romance. Se inúmeras vezes ele é tratado como instintivo e bruto, falta em grande parte dos momentos a agressividade e o desprezo que seu criador lhe reserva ao redigir o artigo Um livro condenado. Aqui nos permitimos recorrer a uma citação de Goethe: “se um poeta quer atuar como político tem de se filiar a um partido, e, então, estará perdido como poeta; precisa renunciar à liberdade de espírito e à visão independente...” (*apud* SOUZA, 2011, p. 135). De fato, vários escritores naturalistas assumiram sua escrita como um ato político, abrindo espaço para os discursos deterministas e racistas em detrimento do fazer literário. Já Caminha, em seus textos críticos, se revelava abertamente contra tal interferência explícita, talvez, por isso, tenha gestado um texto fértil, que ensejou a repulsa de uma crítica mais apta a ouvir *ad infinitum* as próprias teorias que defendiam do que se deparar com uma nova possibilidade de fazer literário (NASCIMENTO, 2019).

Tão fértil se revelou sua escrita que até hoje enseja um debate sobre ser um romance *gay* ou não.

## 5 Uma crítica atual ao romance

Com a emergência de novos sujeitos de direito em fins dos anos 1960, novas chaves interpretativas surgem para a obra, lastreadas nos movimentos negro, homossexual e feminista. E, especialmente, com o advento dos estudos *queer* a partir dos anos 1990, proliferam-se trabalhos sobre sexualidade nos meios acadêmicos brasileiros, parte deles destinadas ao romance. Numa breve consulta ao sítio eletrônico Google acadêmico, a pesquisa pelo termo *bom-crioulo* apresenta 779 resultados que o mencionam.

Em diversos artigos que lastreiam nossa pesquisa, encontramos uma defesa da escrita de Caminha como particular em relação ao tema do homoerotismo. Denilson Lopes, em *O homem que amava rapazes*, afirma se dar no Naturalismo a emergência de uma homotextualidade brasileira, como uma escrita que enfocava o desejo entre pessoas do mesmo sexo. Já outros pesquisadores vão ressaltar a especificidade de Caminha ao centralizar o tema e ao recorrer a recursos estilísticos específicos em que, várias vezes, dará voz ao negro, pobre, escravizado fugido e homossexual longe de uma linguagem condenatória. Segundo Mendes, o leitor contemporâneo a Caminha não perceberia “que o narrador se aproxima de uma forma estranhamente empática da consciência do protagonista. Para tanto, ele se vale de uma técnica que parece ser o *discurso indireto livre*” (LOPES, 2003, p. 37). O crítico recorre a um trecho da narrativa pra provar sua tese:

Maldita hora em que o pequeno pusera os pés a bordo! Até então sua vida ia correndo como Deus queria, mais ou menos calma, sem preocupações incômodas, ora triste. Ora alegre é verdade, porque não há nada firme no mundo, mas enfim, ia-se vivendo... E agora? Agora... hum, hum!... agora não havia remédio: era deixar o pau correr... (CAMINHA *apud* MENDES, 2003, p. 37)

Neste trecho, segundo o crítico, a voz do narrador se confunde com a consciência da personagem e essa proximidade de vozes revela a empatia entre aquele e esta. Procedimento oposto ao adotado por outros narradores de obras naturalistas que, não só guardavam distância da consciência de suas personagens, como a descreviam com uma reprovação lastreada pelo discurso científico.

Já João Silvério Trevisan, autor de um dos mais completos estudos sobre a homossexualidade no Brasil, *Devassos no paraíso*, afirma em nota introdutória à edição de 2009

do romance que Caminha chegou mesmo “a criar uma legítima ternura ente dois homens do povo” (CAMINHA, 2009, p. 10). Robert Howes considera a representação de Amaro inovadora por tratar-se de “um dos primeiros personagens na história da literatura a aproximar-se do modelo moderno de homossexual masculino como alguém atraído apenas a indivíduos do mesmo sexo.” (2005, p. 184).

Um ponto discordante dessas análises é a leitura de Richard Miskolci, importante representante dos estudos *queer* brasileiros. Ele rejeita a ideia de tratar-se do primeiro romance sobre homossexualidade no Brasil, ou ainda a ideia de se ter um retrato simpático sobre um amor condenado. Para ele, “é mais acurado ler seu romance como parte de uma era marcada por concepções deterministas e biológicas do social” (MISKOLCI, 2012, p. 111-2). Miskolci rejeita mesmo a ideia de ambiguidade ou simpatia do autor ao descrever o amor entre Amaro e Aleixo: “é perceptível que elas se encaixam perfeitamente na chave hegemônica do diagnóstico da degeneração” (MISKOLCI, 2012, p. 113).

Ressalvamos a importância da opinião do autor, contudo entendemos que a própria especificidade da recepção dada ao *Bom-crioulo*, em detrimento, por exemplo, àquela destinada a *O cortiço*, implica numa qualidade inerente à obra, que teria algo próprio, potencialmente causador da repulsa da crítica à narrativa.

Nas palavras de Bezerra,

o escritor cearense não fugiu totalmente do esquema de medicalização e condenação das personagens homoeróticas, mas a sua particularidade está em ousar numa estrutura narrativa ficcional possível para os leitores do final do século XIX no Brasil, entre eles o próprio escritor (BEZERRA, 2006, p. 96).

Assim, vemos que após tantos anos, a obra segue despertando discussões sobre a ambiguidade de sua representação do homoerotismo.

## Conclusão

Acreditamos que Caminha tenha encontrado um meio termo entre o discurso cientificista que grassava na literatura e a sua concepção de como se deveria construir uma narrativa. A alegada ambiguidade presente na obra pode ser entendida como uma tentativa do autor de não

relegar sua narrativa ao campo da simplória reprodução do determinismo que assolava seus contemporâneos.

Caminha permitiu-se construir uma obra original e, por isso, viu a curiosidade do público lhe garantir grande repercussão. Também por isso viu uma perseguição crítica se alastrar, como mais uma alegoria de sua vida irregular enquanto marinheiro, *raptor* e crítico pouco querido por seus pares. Da soma de tantos fatores, temos uma obra original e prolífera, remodelada pelos novos paradigmas que se desenvolveram ao longo de mais de cem anos e, o melhor: ainda aberta para novas polêmicas e interpretações a serem formuladas pelas gerações que nos sucederão e que, como nós, não poderão se esquivar do potencial criativo do *Bom-crioulo*.

<b>CRedit</b>
Reconhecimentos: não se aplica.
Financiamento: não se aplica
<b>Conflitos de interesse:</b> Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: não se aplica.
Contribuições dos autores: Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita – rascunho original, Escrita - revisão e edição. NASCIMENTO, Cyro Roberto de Melo.

## Referências

NASCIMENTO, Cyro Roberto de Melo. *Stella Manhattan de Silviano Santiago e Onde andará Dulce Veiga? De Caio Fernando Abreu: dois romances homotextuais brasileiros*. Tese de doutorado, Natal: UFRN, 2019.

BEZERRA, Carlos Eduardo (2006). *Bom-crioulo: um romance da literatura gay made in Brazil*. Rev. de Letras, nº 28, vol. 1/2, jan/dez. 2006.

BOSI, Alfredo (2006). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006, 43ª ed.

CAMINHA, Adolfo (2009). *Bom-crioulo. Introdução de João Silvério Trevisan*. São Paulo: Hedra, 2009.

HAUSER, Arnold (1995). *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, 1ª ed.

HOWES, Robert (2005). *Raça e sexualidade transgressiva em Bom-crioulo de Adolfo Caminha*. Graphos. João Pessoa: UFPB, vol. 7, nº 2/1, 2005 – p. 171-190.

LOPES, Denílson (2002). *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MENDES, Leonardo (2003). *Naturalismo com aspas: Bom-crioulo, de Adolfo Caminha, a homossexualidade e os desafios da criação literária*. Gragoatá: Niterói, UFF, n. 14, p. 29-44, 1º sem., 2003.

MISKOLCI, Richard (2012). *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (1992). *O olhar naturalista: entre a ruptura e a tradução*. Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 1992, v. 35, p. 149-167.

SEDGWICK, Eve Kosofsky (1985). *Between men: english literature and male homosocial desire*. New York: Columbia University, 1985.

SOUZA, Roberto Acízelo de (2011). *Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários(1688-1922)*. Chapecó: Ed. Unochapecó, 2011.